

Carta de Vladimir Herzog para Jean-Claude Bernardet

Rio de Janeiro, 9 de maio de 1963

Rio, 9 maio 1963

Mon cher cineaste (sic)

Acabo de receber sua enfurecidíssima carta do dia 7. Depois de tê-la lido, espantadíssimo, comecei a ter dúvidas não quanto à sua, mas quanto à minha correção gramatical. Que diabo foi que escrevi que o deixou tão *touché*??? Em primeiro lugar, não entendo como você pôde ver a si próprio incluído no grupo PSG-Rudá. Quer ter a bondade de dizer-me onde, em que passagem de minha carta, eu ousei sugerir isso? Se o fiz (o que duvido muito) deve ter sido por um lamentável lapso, pois é ÓBVIO, EVIDENTE, LÓGICO, CLARO, MATEMÁTICO, que sua eminente pessoa não pode participar daquela dupla de carcamanos, e não seria eu justamente o imbecil escolhido para alegar o contrário...

Aliás, no que diz respeito a esse assunto e outros que possam aparecer, peço-lhe estar seguro de ora em diante que, quando me dirijo a pessoas a quem considero amigas, *nada deixo nas entrelinhas* e tudo quanto tenho a dizer está nas *linhas* mesmo. Portanto, deixe de interpretações duvidosas daquilo que digo ou penso, pois nessas ocasiões sempre faço uso de frases na ordem direta, com o mínimo de adjetivos e advérbios...

Quanto à sua carta, peço-lhe explicar-me o que quis dizer com "... duvido também do interesse que tem o segundo – por você (eu, né?) – constituído triunvirato, de fazer qualquer coisa em Brasília...".

Diga-me, cá entre nós, onde foi que descobriu os tais "triunviratos" ou o que seja? Você ficou louco? (Cá entre nós, acho que o clima de São Paulo está começando a lhe fazer mal; que tal uma estadia repousante cá no Rio? Será bem-vindo!)

No tocante ao filme sobre o futebol, prefiro, como já disse, trocar ideias pessoalmente, portanto quando tiver terminado *Marimbás* daqui a dez ou quinze dias. Ressalto todavia que ainda me permanece a impressão que vocês estão novamente – como no caso do longa-metragem sobre a assistente social – pairando excessivamente no abstrato, no terreno filosófico-ideológico em vez de partir de fatos, EXEMPLOS concretos, para a partir daí tirarem a linha ideológica. Esta tendência (perdoe-me dizê-lo, mas é preciso e você não o ignora) é tipicamente *paulistana* e eu próprio estou a duras penas tentando livrar-me dela. Digo-lhe, apenas de passagem, que ela é responsável por grande parte das dificuldades que estou tendo na montagem do roteiro de *Marimbás*, mas procurarei superá-la ao máximo nas próximas coisas que fizer. Aliás, os planos que tenho para documentários (*Romaria*, *Cidade Livre*) já partem mais da realidade para a formulação ideológico-crítica do que vice-versa, como fazem vocês.

Em caráter *estritamente particular* quero informá-lo que, no que toca ao assunto da entrevista de Birri com Júlio Poddles, minhas observações motivaram-se em virtude de ter tido uma conversa com Birri, pelo telefone, minutos antes de ele partir, quando me disse que as pessoas com as quais estive em contato em São Paulo (Maurice? Rudá? Você?) dissuadiram-no de falar

com o professor, alegando que “o momento não era propício”. Foi isto que eu achei ter sido uma besteira muito grande, mesmo porque sugeri ao Birri, em tom de *consulta* apenas que expusesse ao Poddles quais seriam, na opinião dele (Birri) as necessidades e objetivos mínimos para um Instituto, relatando-lhe tão somente sua experiência em Santa Fé. Fiz mal???

Espero urgente uma resposta sua,
MAIS calma...

Vlado